



## SUBJETIVIDADES EM CONSTRUÇÃO: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DE INTERAÇÕES A PARTIR DE TEXTOS MIDIÁTICOS COM CONTEÚDO AFROFUTURISTA

Geane Valesca da Cunha Klein<sup>1</sup>  
Washington da Silva Batista<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa aborda a interação em redes sociais sobre afrofuturismo, um movimento que busca redefinir narrativas da diáspora africana. O estudo examina a dinâmica das interações, utilizando a abordagem bakhtiniana para compreender como participantes, representados como eu e Outro, constroem significados. A metodologia incluiu coleta de dados de postagens específicas, analisando comentários e respostas. Os resultados mostraram interações simétricas com diversas perspectivas, desde apoio até contestações ao afrofuturismo. A análise revela a formação dialógica do eu e do Outro, destacando a importância de amplificar vozes afrodescendentes.

**Palavras-Chaves:** Interação; Dialogia; Interlocação; Afrofuturismo.

### INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade das mídias digitais e redes sociais, diversas vozes se confrontam, remodelando discursos e dentre os movimentos culturais que buscam redefinir narrativas predominantes, encontra-se o afrofuturismo, conforme definido por Dery, em 1994. Esse movimento desafia a perspectiva eurocêntrica, oferece visões futuristas centradas na experiência negra e estimula a construção de uma sociedade mais inclusiva. De acordo com Zaila (2019), “Esse é um movimento artístico e estético que se expande por vários níveis, indo da pintura e arte experimental ao cinema, e na literatura”.

Como temos visto, as tecnologias mudam os paradigmas tanto no que tange aos usuários, quanto na dimensão cultural geral na qual estes usuários estão imersos. Muitas pessoas consideram as comunidades online das quais participam (com extensão para as redes sociais) um importante, talvez principal, meio de socialização (KOZINETS, 2014). Deste modo, foram tomadas como objeto de estudo postagens feitas em redes sociais e que fossem portadoras de conteúdos afrofuturistas para, a partir delas, analisar os processos de construção de subjetividades desencadeados nas interações estabelecidas a partir da divulgação de projetos de afrofuturismo – compreendido como um movimento de cunho cultural, social e político, por meio do qual encontram-se ficção científica (sci-fi), tecnologia, realismo fantástico, ancestralidade, mitologia e diáspora africana negra (DERY, 1994).

Partimos da hipótese de que este processo não é isento de conflitos e embates políticos e sociais e ocorre sempre por meio da linguagem. Guiados pela abordagem bakhtiniana da

<sup>1</sup> Doutora, Universidade Federal de Rondônia - UNIR. E-mail: geanevalesca@unir.br

<sup>2</sup> Mestre, Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: washington.batista@unir.br



língua como fenômeno dinâmico inseparável da interação social, examinamos comentários e suas réplicas para compreender a dinâmica das interações e analisar os processos discursivos e sociais nelas envolvidos.

Nosso objetivo foi identificar e descrever os papéis assumidos pelos participantes na interação discursiva em redes sociais em postagens afrofuturistas. Buscamos observar as vozes, posicionamentos discursivos, interconexões discursivas e o impacto dos enunciados nas interações. Em suma, quisemos compreender a dinâmica pela qual os sentidos são construídos negociadamente ou por meio de embate entre interlocutores no espaço reservado aos comentários em redes sociais.

## **METODOLOGIA**

Os dados foram coletados em redes sociais, a partir da identificação de postagens cujo enfoque fosse a proposta afrofuturista. As postagens e os diálogos por elas ativados foram organizados, sequenciados e analisados. Os textos foram localizados através de hashtags como #afrofuturismo #povopreto #gentepreta #blackpeople #representatividade #visibilidade.

Neste estudo, apresentamos análises de comentários feitos por usuários do Facebook em dois eventos, a saber: uma entrevista que a atriz Viola Davis, que veio ao Brasil para o lançamento do filme “Mulher-Rei”, concedeu à jornalista Maria Júlia Coutinho e foi exibida na edição do fantástico do dia 18 de setembro de 2022, cuja veiculação ocorreu na rede social Facebook, na página <https://11nk.dev/GuldO>; e uma matéria veiculada pelo jornal Estadão no dia 19 de setembro de 2022, cujo título é “Viola Davis destaca a importância de uma mulher negra liderar bilheterias”, disponível no link <https://11nk.dev/FqqzZ>. Para a análise, foram considerados os comentários matrizes e suas réplicas, tréplicas ou desdobramentos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Na análise, foram considerados tanto os comentários principais quanto suas respostas, contrarrespostas ou desenvolvimentos. Apresentaremos a seguir dois blocos de enunciações para demonstrar achados da pesquisa: em um primeiro bloco o comentário-matriz foi enunciado por E1, e os comentários-respostas foram tecidos por E2, E3, E4. A seta indica o movimento da resposta, se ela é dirigida ao enunciador que teceu o comentário matriz ou se ele se dirige a outros interlocutores que aceitaram participar do diálogo. Vejamos as interações entre enunciadore E1, E2, E3 e E4:



E1 – “Eu a admiro. Viola é um exemplo de atriz e pessoa. Ela teve uma vida pobre e sofrida e conseguiu dar a volta por cima. Um exemplo de força.”

E2 → E1 – “mulher branca defendendo negra, tu não vê o CONTRÁRIO”

E1 → E2 –” Você precisa sair da sua bolha para conseguir ver. E mais, sou típica brasileira, a pele saiu “branca”, mas as veias corre o sangue negro, branco e indígena. E eu amo a mistura perfeita que carrego.”

E3 → E1 – “minha querida tem coisas que se diz de uma mulher preta é uma ofensa! Esse seu comentário pode ofender a atriz que já foi pobre! Cuidado ! Vc tem que pisar em ovos!”

E4 → E3 – “comentário irônico, típico cidadão que diz que racismo é mimimi, nada de novo por aqui.”

O Eu e o Outro são entidades dialogicamente formadas durante a interação. E1 representa o "eu", o enunciador que inicia o diálogo expressando admiração por uma atriz negra, Viola Davis, enfatizando sua jornada de superação como exemplo de força. Nas respostas, uma diversidade de perspectivas e identidades se confrontam: E2, E3 e E4 representam o "Outro", cada um pertencendo a diferentes formações discursivas que os levam a proferir enunciados diversos, refletindo diferentes visões de mundo. E2 sugere que E1 defende Viola apenas por sua raça, não por suas habilidades de atuação. E1 responde ter uma identidade racial mista e valorizar a diversidade étnica.

O diálogo é marcado por conflitos e confrontações de ideias, como quando E1 acusa E2 de estar em uma "bolha" e reivindica uma identidade étnica diversa. E1 busca provocar a desconstrução de estereótipos e preconceitos, enquanto E2 sugere que E1 está reproduzindo um padrão comum de pessoas brancas que apoiam pessoas negras apenas por razões politicamente corretas. E3 utiliza a ironia para expressar desacordo com E1 e, ao mesmo tempo, desqualificar a agenda antirracista.

A ironia, conforme Bakhtin, cria uma distância crítica entre o que é dito e a intenção do enunciador, resultando em interpretações múltiplas. E3, ao se dirigir a E1 como 'querida' de forma irônica, sugere que o elogio de E1 à trajetória de Viola Davis pode ser interpretado como ofensivo pela própria atriz. E3 questiona o ponto de vista de E1, insinuando que ele é ingênuo ao ignorar a possibilidade de reforçar estereótipos e preconceitos. E4 responde a E3 ironicamente, chamando-o de "típico cidadão que diz que racismo é mimimi". Ao destacar que essa atitude de minimizar o racismo não é nada de novo, E4 sugere que tal posicionamento é comum e repetitivo.

Vejamos agora as interações entre os enunciadores E7, E8, E9, E10, E11 e E12

E7 → “o que lidera bilheteria é filme bom. Pantera Negra nunca lacrou, e foi um dos melhores filmes dos últimos tempos. cinema não tem cota.”

E8 → E7 – “na verdade não, tá cheio de caso de filme ruim que liderou bilheteria.”



E9 → E7 – “exatamente! Na mentalidade distorcida da lacrolândia, a capacidade dos atores com um bom roteiro e equipe com bom recursos, não é o mais importante.”

E10 → E7 – “nem sempre um bom filme é campeão de bilheteria. O conjunto da obra faz o filme. O fato de uma mulher negra ser a grande estrela de um campeão de bilheteria faz sim toda diferença, principalmente num mundo onde ainda existem pessoas que não enxergam ou não querem enxergar que os negros foram e ainda são vítimas de muita discriminação, mas que felizmente a humanidade está evoluindo no sentido de dar a eles o espaço que jamais deveria ter lhes sido negado, pois, são fortes, são guerreiros, são inteligentes, são competentes e são muito, muito dignos! Viva a raça negra! 🖐️🖐️🖐️🖐️🖐️”

E11 → E10 - “se o conjunto da obra for boa, pode ser protagonista anã, asiática, LGBTQIAwyz+-x%÷, indígena, Albino, ruivo...”

E12 → E10 – “mas o filme ainda não é um campeão de bilheteria não 🧑🏻♂️🧑🏻♂️🧑🏻♂️🧑🏻♂️🧑🏻♂️,,só é a maior bilheteria do mês nos estados unidos e não do ano 🧑🏻♂️🧑🏻♂️🧑🏻♂️🧑🏻♂️🧑🏻♂️,,para ser campeão de bilheteria ainda falta muito kkk”

Nos comentários-resposta, surgem tanto posturas antirracistas e empáticas, quanto atitudes que refletem discursos racistas e recorrem a estereótipos. Observamos a presença de polifonia e heteroglossia, ou seja, a coexistência de diversas vozes e perspectivas no discurso, interligadas e em constante interação. E7 inicia a discussão ao criticar o filme "Mulher Rei" e compará-lo a "Pantera Negra". Posteriormente, argumenta que "o cinema não está sujeito a cotas" e introduz discursos que provocam a reflexão sobre o sistema que tem sido desenvolvido no Brasil desde a década de 1990 e que foi oficializado em 2012 pela Lei nº 12.711. Isso resulta em diversas perspectivas, considerando a apropriação pelo Estado de um discurso originado no movimento negro, ocasionando uma transição de uma formação discursiva (o movimento) para outra (o Estado).

A interação prossegue com E8 discordando de E7, enfatizando que a liderança de bilheteria está associada à qualidade do filme, e não apenas ao seu sucesso comercial. E9, por sua vez, utiliza sarcasmo ao referir-se à "lacrolândia" e questiona a priorização da raça em detrimento de outros critérios na avaliação de filmes. A expressão “lacrar”, originalmente utilizada por membros da comunidade LGBTQIAPN+, adquire uma conotação pejorativa da forma como foi reconfigurada e passa a desqualificar pautas sociais e ações de militância, independentemente de suas pautas.

E10, em resposta à discussão, expressa apoio à igualdade e ao respeito às diferenças, concluindo com a declaração "Viva a raça negra!". No entanto, essa expressão, apesar de ter sido utilizada de maneira positiva, aciona tensões em torno da noção de 'raça'. E11 retoma a discussão sobre o que caracteriza um filme como "bom", destacando a importância do conjunto da obra e exemplificando a diversidade de protagonistas. Os comentários revelam não apenas opiniões sobre filmes, mas também reflete a construção identitária e as posições sociais dos



participantes. A menção à 'lacrolândia' e às cotas raciais situa os comentários em uma rede que vai além da análise cinematográfica, incorporando questões sociais e identitárias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem bakhtiniana revelou as intrincadas relações entre os participantes, a interatividade, a construção de significados e os valores presentes nessas interações. Observamos a formação do eu e do Outro em um movimento dialógico, onde diversas vozes, perspectivas e experiências se encontram, confrontam e entrelaçam.

Como vimos, a linguagem desempenha um papel crucial na construção e reconstrução das subjetividades, permitindo que os participantes expressem visões de mundo, compartilhem conhecimentos e construam significados coletivos. Há uma proeminência de enunciados que refletem um horizonte temático-valorativo antirracista, com foco na valorização da cultura africana, no empoderamento negro e na luta por justiça social. Entretanto, tais enunciados são constantemente rebatidos por discursos e comportamentos que remetem a condutas racistas e excludentes e ocorre um jogo de forças que procura (des)legitimar a perspectiva afrofuturista. A complexidade do cronotopo demonstra que diferentes temporalidades e espaços se entrelaçam no afrofuturismo, apresentando futuros imaginários, ressignificação do passado e reconfiguração do presente.

A heterocronia e heterotopia presentes nessas interações permitem a exploração de novas possibilidades e a afirmação da identidade afrodescendente. Em alguns casos, observou-se que comentários contrários à causa do afrofuturismo resultaram em críticas e na interrupção da interação por falta de argumentos para um debate saudável. Embora menos comum, houve situações em que usuários expressaram pontos de vista opostos de maneira construtiva, debatendo e criticando o empoderamento negro. Contudo, em situações de falta de argumentação, foram observados casos de desrespeito e atos de fala descorteses, transformando a troca de posicionamentos em interações carregadas de conflitos. Algumas vezes, isso levou a tentativas de inferiorizar o oponente com comentários ofensivos, negando ou invertendo fatos históricos relacionados à diáspora africana. Em última análise, é crucial reconhecer que as interações em redes sociais são dinâmicas e multifacetadas, envolvendo disputas de sentidos, negociações e transformações constantes.

## REFERÊNCIAS



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Nova Palavra. 6. ed., 2021. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/afrofuturismo>, acesso em 10 de agosto de 2022.

BAKHTIN, Mikhail (VOLÓCHINOV, Valentin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Viera com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique Chagas Cruz. 9. ed. São Paulo: Hucitec (Trabalho original publicado em 1929), 1999.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DERY, M. “Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose”. In: **Flame Wars**: the discourse of cyberculture. Durham, NC: Duke University Press, 1994.

FREITAS, K.; MESSIAS, J. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo - as distopias do presente. **Das Questões**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/18706>. Acesso em: 03 nov. 2023.

FREITAS, Kênia. Space is the place: Sun Ra, o mito no cinema. **Site MULTILOT!** 12/04/2018. Disponível em: <<https://multiplotcinema.com.br/2018/04/space-is-the-place-o-mito-no-cinema/>>. Acesso em: 03 nov. 2023.

KLEIN, Geane Valesca da Cunha; KHALIL, Lucas Martins Gama. Bases para a noção de interdiscurso: o dialogismo e as formulações do interdiscurso nos estudos enunciativo-discursivos. In: JESUS, Sérgio Nunes de; FERRAREZI JUNIOR, Celso (Orgs.). **Pilares da teoria dialógica do discurso**: a obra de Valentin Volóchinov (da década de 1920 aos dias atuais). São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

STAM, Robert. **Bakhtin**: da teoria literária à cultura de massa. São Paulo: Ática, 2000.

ZAILA, Lu Ain. **Afrofuturismo**: uma pequena palavra e uma grande complexidade cultural para a negritude. 05 de dezembro de 2019. Entrevista concedida à página Fórum Grita Baixada. Disponível em: <https://www.forumgritabaixada.org.br/entrevista-do-mes-lu-ain-zaila>